



PEDRO BANDEIRA
O medo e a ternura

Leitor crítico – 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: Rosane Pamplona
Coordenação: Maria José Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano... Há o tempo das escrituras e o tempo da

memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como

resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que pertence, analisando a temática, a perspec-

tiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero: Palavras-chave: Áreas envolvidas: Temas transversais: Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

◆ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



PEDRO BANDEIRA

O medo e a ternura

Leitor crítico – 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Nascido em Santos, São Paulo, em 1942, Pedro Bandeira mudou-se para a cidade de São Paulo em 1961. Trabalhou em teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo. Foi redator, editor e ator de comerciais de televisão. A partir de 1983 tornou-se exclusivamente escritor. Sua obra, direcionada a crianças, jovens e jovens adultos, reúne contos, poemas e narrativas de diversos gêneros. Entre elas, estão: *Malasaventuras — safadezas do Malasartes*, *O fantástico mistério de Feurinha*, *O mistério da fábrica de livros*, *Pântano de sangue*, *A droga do amor*, *Agora estou sozinha...*, *A Droga da Obediência*, *Droga de americana!* e *A marca de uma lágrima*. Recebeu vários prêmios, como Jabuti, APCA, Adolfo Aizen e Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. A partir de 2009, toda a sua produção literária

integra com exclusividade a Biblioteca Pedro Bandeira da Editora Moderna.

RESENHA

Esmeralda tem quinze anos e acaba de conseguir seu primeiro emprego. Está feliz por dois motivos: agora vai ajudar a família, que passa por dificuldades financeiras, e pode trocar olhares e confidências com Greg, o simpático rapaz que trabalha na loja vizinha. Tudo parece um mar de rosas, porém Esmeralda, ao ser confundida com a filha de um milionário, é sequestrada por três criminosos. Bem que ela tenta desfazer o engano, mas os bandidos só respondem com socos e pontapés e a deixam presa numa igreja abandonada, sob a guarda de Bicho Preto, um corcunda horroroso e amedrontador. Esmeralda fica apavorada com ele, mas logo seu medo se transforma em um misto de ternura e pena: o

corcunda é mesmo um pouco perturbado, mas tem um bondoso coração. Quando os bandidos tentam violentar a menina, Bicho Preto a defende. A polícia, avisada por Greg, chega nesse momento e, confundindo Bicho Preto com um sequestrador, mata-o, sem imaginar que ele acabara de salvar Esmeralda.

À semelhança de Quasímodo, Bicho Preto provoca medo, mas tem um coração ingênuo de criança. Neste livro, Pedro Bandeira retoma o clássico de Victor Hugo, trazendo para a realidade brasileira de hoje a história de *O corcunda de Notre-Dame*. Dessa vez, quem ameaça a donzela são os sequestradores, personagens que infelizmente fazem parte do nosso cotidiano. Além de se reportar a esse problema tão atual, a obra propõe uma importante reflexão sobre o preconceito: até que ponto as aparências nos impedem de conhecer a beleza interior de cada um? É possível salvar as pessoas das garras do crime, mas quem salvará os estigmatizados? Quem comete o maior crime?

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: novela.

Palavras-chave: violência urbana, sequestro, preconceito.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História.

Temas contemporâneos tratados de forma transversal: Educação em direitos humanos.

Público-alvo: Leitor crítico (8º e 9º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. O título do livro – *O medo e a ternura* – justapõe sentimentos contraditórios. De que maneira os elementos que compõem a ilustração da capa também exploram o contraste? Verifique se os alunos observam o efeito provocado pela escolha das cores da fonte do título do livro: preto para a palavra “medo”, azul para “ternura”. A figura humana remete a qual dos sentimentos?

2. Leia com a turma o texto da quarta capa. Que possibilidades as informações contidas no texto nos permitem imaginar?

3. Em seguida, leia também o texto da seção “O autor e sua obra”, em que o leitor toma conhecimento de que o livro é a recriação do livro *Notre-Dame de Paris (Nossa Senhora de Paris)*, que o francês Victor Hugo escreveu em 1831. Investigue se a classe conhece a história do corcunda de Notre-Dame. Provavelmente, a maioria deve conhecer o enredo através do desenho animado, um sucesso dos estúdios Disney. Se for o caso, pergunte se os alunos sabem em qual famoso livro a animação se inspirou, quem foi Victor Hugo e qual é a sua importância na literatura mundial. Peça que um dos alunos resuma a história para os colegas.

4. Talvez os alunos tenham ouvido falar de *Os miseráveis*, musical que lotou plateias no mundo inteiro. É uma boa oportunidade para comentar a respeito dos laços entre as obras literárias e da importância de conhecer os clássicos para construir uma compreensão mais ampla das obras modernas.

Durante a leitura

1. Peça aos alunos que leiam *O medo e a ternura* observando em que pontos o texto se refere à obra de Victor Hugo, não só o enredo, os protagonistas, mas também o cenário e alguns elementos dos sonhos de Esmeralda.

2. Convide-os a apreciar, durante a leitura dos capítulos, os trechos destacados com uma fonte colorida de tamanho maior ao que é empregado no corpo do texto. De que maneira essas passagens mobilizam o leitor para os eventos narrados?

3. Peça que registrem mentalmente quais sentimentos cada personagem lhes desperta à medida que os acontecimentos se sucedem.

Depois da leitura

1. Abra espaço para que os alunos comentem a leitura que fizeram. Quais emoções cada personagem lhes despertou? O que sentiram, a princípio,

a respeito de Bicho Preto? E no fim? Discutam sobre os valores que a história evidencia através do relacionamento entre Esmeralda e seu salvador.

2. Ponha em discussão a questão dos sequestradores: como era a aparência deles? E os valores morais? Polemize: será que eles também, como Bicho Preto, não tiveram uma vida difícil, um histórico de abandono e rejeição pela sociedade? O que transforma alguns em “Bicho Preto”, e outros em “Frolô”?

3. E para não dizer que não falamos de flores... Retome a leitura desde o começo. Comente os versos que Greg escolheu para cortejar Esmeralda. Ouçam (e cantem!) as músicas de Cartola e de Vinícius. Leiam juntos os dados biográficos que Greg relata a respeito de Cartola. Ele era semianalfabeto e hoje é considerado um dos grandes compositores da música popular brasileira. Relacione a biografia dele à questão da marginalização.

4. Proponha que cada um escreva os trechos de música que escolheria se quisesse conquistar uma garota (ou garoto). Promova a brincadeira do “namorado secreto”: cada um escreve os versos sem saber que destinatário terá. Um sorteio decide o destino!

5. Avalie a possibilidade de assistir com os alunos a *Edward mãos de tesoura*, dirigido por Tim Burton e distribuído pela 20th Century Fox. O filme é uma bela fábula sobre a maneira como as pessoas reagem ao que é considerado diferente, oscilando entre sentimentos como curiosidade, preconceito, violência, medo e ternura. Em um castelo abandonado, vive um inventor empenhado em finalizar sua maior criação: Edward. Mas sua morte repentina deixa Edward inacabado, com tesouras no lugar das mãos.

Sozinho, o rapaz vive isolado até que é descoberto por uma senhora que vende produtos de beleza. A partir desse encontro, Edward vai experimentar incríveis aventuras.

6. A igreja que serviu de covil aos bandidos ficava numa cidade abandonada. A princípio, rica localidade de fazendeiros de café, depois cidade-fantasma por algum motivo econômico. Essa história também faz parte da realidade brasileira. Muitas cidades se constituíram ou cresceram à sombra de uma fonte de riqueza passageira (café, borracha, ouro etc.) e depois não souberam diversificar sua economia e morreram. Monteiro Lobato alude a esse fenômeno em seu livro *Cidades mortas* (São Paulo: Globo). Convide o professor de História para conversar com os alunos a respeito desse assunto.

DICAS DE LEITURA

► do mesmo autor e da mesma série

O beijo negado. São Paulo: Moderna.

Garrote, menino coragem. São Paulo: Moderna.

Ciúme – a hora da verdade. São Paulo: Moderna.

Agora estou sozinho... São Paulo: Moderna.

► sobre o mesmo gênero

Jogo duplo, Sílio Boccanera. São Paulo: Moderna.

O menino narigudo, Walcyr Carrasco. São Paulo: Moderna.

O Corcunda de Notre-Dame, Victor Hugo (tradução e adaptação de Jiro Takahashi). São Paulo: Scipione.

